

Análise do Discurso Pedagógico das Concepções de Leitura veiculadas pela Revista Nova Escola (2010-2013) na perspectiva Semi linguística

Mestranda Anabel Medeiros de Azerêdo¹ (UFF)

Resumo:

Nessa pesquisa tem-se como objetivo analisar a atuação da revista Nova Escola no campo educacional. Nova Escola inscreve-se no âmbito de periódicos educacionais como a maior revista de Educação do país, visando à formação e à prática docente. Através da perspectiva Semi linguística, apresentada por Patrick Charaudeau, propõe-se neste trabalho uma reflexão acerca do discurso dirigido ao professor pela revista, especificamente, nas reportagens que tratam da metodologia de leitura. As mídias pedagógicas constituem-se de características próprias tanto da área da comunicação quanto da educação, por isso, espera-se que periódicos educacionais sejam submetidos às leis do mercado editorial, uma vez que pertencem ao gênero revista. Contudo, a fim de manter a sua existência no mercado, alguns periódicos educacionais tendem a sobrepor recursos da cultura midiática às questões pedagógicas. Ao se observar a referida revista, percebe-se que além de características não condizentes ao perfil de periódicos educacionais, Nova Escola não possui uma posição político-pedagógica definida sobre o trabalho com a leitura, assumindo concepções conflitantes concernentes ao ato de ler em uma mesma matéria, e muitas dessas em desacordo com as orientações dos Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa. Portanto, faz-se necessária a análise sobre o modo como a revista aborda a metodologia de leitura, por se tratar de um recurso de formação docente de fácil acesso aos professores de Educação Básica e aos estudantes de pedagogia e de cursos de licenciaturas. Utiliza-se uma abordagem qualitativa, com base em edições que compreendem os anos 2010, 2011, 2012 e 2013. A revista Nova Escola, enquanto periódico educacional, não corresponde à demanda dos professores por formação continuada.

Palavras-chave: Ensino de Leitura, Revista Nova Escola, Formação Docente, Contrato de Comunicação Midiático, Semi linguística.

1. Introdução

A formação continuada e a atualização frequente do professor da Educação Básica são preocupações permanentes dentro e fora da escola, que suscitam ações das esferas pública e privada para garantir a sua existência e eficácia.

Back (*apud* GERALDI, 1993) afirma que a democratização do ensino foi uma necessidade e um grande bem por ter dado condições de acesso à escola a camadas antes marginalizadas. Entretanto, segundo Molina (*apud* GERALDI, 1993), o número acentuado de alunos que passou a ocupar os bancos escolares exigiu uma quantidade maior de professores e, para atender a tal demanda, acelerou-se a formação pedagógica em cursos rápidos e sem embasamento teórico. A democratização da escola, apesar de necessária trouxe consequências graves para a formação docente. Por isso a demanda por formação pedagógica leva à escola recursos destinados à pesquisa, tais como livros, jornais e revistas, além do acesso à internet.

A busca por respostas e soluções aos problemas enfrentados pelo sistema educacional brasileiro - problemas esses frequentemente associados à falta de preparo dos professores para trabalhar em sala de aula - abriu espaço para um vasto mercado de publicações destinadas a esses profissionais, que surgiram com o objetivo principal de auxiliá-los em sua prática. (SILVEIRA, 2006, p.7).

Um dos veículos de atualização docente mais acessíveis ao professor está no campo das produções impressas, especificamente: as revistas educacionais. Contudo, a escolha desses materiais e a qualidade que oferecem para o enriquecimento da formação do professor devem ser questionadas.

É fato que, em um mundo globalizado e evoluído tecnologicamente, como o da atualidade, há múltiplas formas de acesso ao conhecimento, mas as revistas educacionais continuam ocupando um espaço privilegiado para informação e formação continuada do professor. Por tratar-se de um veículo que conjuga características de áreas diferentes, como da comunicação e da educação, as revistas educacionais também estão sujeitas às leis do mercado (FRADE, 2011). Desse modo, podem tender a sobrepor elementos da cultura midiática às questões pedagógicas, distanciando-se dos objetivos que deveriam ser propostos por impressos dedicados à abordagem de questões relativas à educação e ao fazer pedagógico.

A revista Nova Escola é um dos periódicos educacionais de circulação nacional mais consumido por professores (RAMOS, 2009). Há 28 anos a revista vem conquistando espaço em escolas e até mesmo em universidades, servindo como fonte de pesquisa ao aprimoramento da formação docente. No entanto, observa-se que a produção da revista possui características não condizentes ao perfil de outros periódicos educacionais, tanto no formato quanto no conteúdo de suas matérias¹.

Segundo Frade (2011), do ponto de vista pedagógico, a imprensa pode fornecer à escola a informação de que tanto necessita para a atualização dos professores. Contudo, como adverte Charaudeau (2010), o fenômeno da informação não ocorre sem que haja implicaturas significativas à recepção da mensagem transmitida, uma vez que a informação não existe em si, em uma exterioridade do ser humano. Nas palavras do autor:

a informação é pura enunciação, ela constrói saber e, como todo saber, depende ao mesmo tempo do campo de conhecimentos que o circunscreve, da situação de enunciação na qual se insere e do dispositivo no qual é posta em funcionamento. (CHARAUDEAU, 2010, p.36).

Além disso, o autor afirma que as mídias caracterizam-se de duas formas: como um organismo especializado, que tem a vocação de responder a uma demanda social por dever de democracia, e como empresa inserida em uma economia de tipo liberal, em situação de concorrência com relação a outras empresas com a mesma finalidade. Charaudeau (2010) ainda destaca que existe um ponto de vista ingênuo no interior do senso comum a respeito da informação, não em razão do seu objetivo ético (formar o cidadão), mas do modelo de comunicação social que lhe é subjacente, o qual, mesmo não explicitado, é considerado como evidência.

¹ Através da contribuição do artigo **Revistas pedagógicas: qual é a identidade do impresso?** (FRADE, 2011), que estabelece comparações entre as revistas mineiras **Amae educando**, **Dois pontos** e **Presença pedagógica**, pode-se perceber diferenças significativas quanto ao formato e ao conteúdo de Nova Escola em oposição às revistas citadas.

Portanto, apesar de a imprensa contribuir para o fornecimento de informações necessárias à atualização do profissional de educação, não se pode ignorar o fato de que as mídias encarregadas de sua veiculação estão marcadas por características de sua própria identidade e função social. Dessa forma, subentende-se que, não sendo possível o apagamento total de posicionamentos históricos, sociais e políticos no processo de transmissão da informação, o que o leitor/ouvinte/expectador recebe é a construção de um acontecimento.

Para Frade (2011), revistas são categorizadas como gênero pertencente ao campo de produções impressas, conseqüentemente, ao das mídias impressas, devido à sua relação inseparável com o mercado editorial. As revistas educacionais, por sua vez, também possuem características próprias de outros tipos de revistas. Contudo, as revistas educacionais,

destinadas aos professores, visam principalmente guiar a prática cotidiana de seu ofício, oferecendo-lhes informações sobre o conteúdo e o espírito dos programas oficiais, a condução da classe e a didática da disciplina. Essa imprensa [...] representa o espaço onde se desdobra e o ponto no qual se concentra todo um conjunto de teorias e práticas educativas de origem tanto oficial quanto privada. (BEURIER *apud* SILVEIRA, 2006, p. 7).

A revista Nova Escola se apresenta como uma fonte de pesquisa, aprimoramento e atualização à disposição do profissional de educação:

Desde 1986, Nova Escola contribui para a melhoria do trabalho dos professores dentro da sala de aula. Todo mês, ela traz experiências reais e os conteúdos mais relevantes, tanto de Educação Infantil como de Ensino Fundamental².

Entretanto, de acordo com Ramos (2009), quanto à interpelação ao professor, é notável a finalidade em orientar, prescrever e sugerir ao profissional de educação o que se deve saber e o que deve ser feito.

Para Frade (2011), a produção no campo educacional caracteriza-se pela abordagem de ideias, conceitos, práticas e questões educacionais que às vezes permanecem em pauta durante anos. É por essa razão, inclusive, que as revistas educacionais podem ser consultadas após algum tempo por professores, pesquisadores (alunos/acadêmicos), diferentemente das revistas de informação em geral, cujo interesse concentra-se no fato que será transformado em notícia. Segundo Nóvoa (2002, p. 11), “os impressos educacionais constituem um corpus documental capaz de apresentar a multiplicidade e a diversidade do campo educativo no seu movimento histórico.” Portanto, devido à finalidade de sua produção, as revistas educacionais possuem características que as diferenciam de outros periódicos, a saber: a linguagem, os gêneros textuais, a diagramação, o *design* etc.

Embora Frade (2011) afirme que as revistas educacionais pareçam enquadrar-se em algumas características de outros tipos de revistas, como o formato, a veiculação impressa, público leitor definido e gêneros textuais, há critérios que as definem e as categorizam enquanto periódicos no âmbito da educação. Por isso, a análise das características do próprio suporte, relacionada aos elementos que transitam entre os campos da Educação e da Comunicação, se faz necessária. No que tange à

² Disponível em: <<http://publicidade.abril.com.br/marcas/novaescola/revista/informacoes-gerais>>. Acesso em 24/01/2014.

especificidade dessa pesquisa, entende-se que é preciso refletir sobre o modo como os temas educacionais são abordados, principalmente, porque o próprio periódico inscreve-se no âmbito de revistas educacionais como **a maior revista de Educação do país**³, visando à formação e à prática docente.

Ao se observar o formato gráfico da referida revista, percebe-se características que não se assemelham ao perfil de periódicos educacionais: além do *design* e da diagramação, próprios de revistas de informação geral, segundo Frade (2011), os gêneros textuais e a linguagem usados para compor as matérias de Nova Escola possibilitam uma localização e uma leitura tão rápidas como aquelas pretendidas pelas revistas de informação. Quanto ao modo de organização do discurso, percebe-se que a enunciação da revista se realiza por meio do comportamento allocutivo, como descrito por Charaudeau (2008) – no qual o sujeito falante implica um interlocutor e lhe impõe um comportamento ou uma reação, estabelecendo-se uma relação de influência, manifestando a posição de superioridade do locutor em relação ao seu interlocutor.

Como a revista é escrita por jornalistas e não por professores, diferentemente de outros periódicos dessa área, as questões referentes à Educação são abordadas através de estratégias de captação, como a citação frequente de pesquisadores e especialistas, e também por meio de recursos de dramatização, como os relatos de professores acerca de sua experiência em sala de aula. De acordo com Charaudeau (2010), esses recursos legitimam a fala e garantem credibilidade junto ao público leitor.

Em relação ao ensino de leitura, observam-se concepções conflitantes sendo abordadas pela revista, algumas vezes, na mesma matéria. Face à importância que o ensino de leitura possui para a inserção social, urge a necessidade de fontes que ofereçam subsídios credíveis à pesquisa. Os Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa afirmam que

um projeto educativo comprometido com a democratização social e cultural atribui à escola a função e a responsabilidade de garantir a todos os seus alunos o acesso aos saberes linguísticos necessários para o exercício da cidadania, direito inalienável de todos. (BRASIL, 1997, p.21).

Dessa forma, deduz-se que é dever da escola oferecer ao aluno o ensino de leitura e escrita, já que a leitura é ferramenta indispensável em sociedades cuja organização se fundamenta a partir do registro escrito.

Aqueles que não possuem habilidade leitora limitam o seu acesso a mundos distintos daqueles em que a oralidade se instala e se organiza. Silva (1992, p.64) destaca que a leitura “passa a ser uma via de acesso à participação do homem nas sociedades letradas, na medida em que permite a entrada e a participação no mundo da escrita.” Portanto, subentende-se que quem não domina a arte de ler, certamente, tem a sua participação social restrita, e aqueles que leem com alguma ou muita dificuldade, fatalmente, estão fadados ao risco de compreenderem pouco ou nada o que leem, resultando na restrição de acesso aos bens comuns e em uma possível manipulação cultural, social e intelectual pelos que detêm o conhecimento transmitido pela leitura. Por isso, o ato de ler é condição indispensável à participação em sociedades grafológicas e é função da escola se ocupar de seu ensino.

³Disponível em: < <http://publicidade.abril.com.br/marcas/novaescola/revista/informacoes-gerais>>. Acesso em 08/03/2014.

A revista Nova Escola parece, ainda, recorrer mais a saberes de crenças que a saberes de conhecimento ao fazer sugestões pedagógicas, reforçando o imaginário do senso comum de que o ato de ler deve se tornar **hábito** ou *hobby*, por exemplo. As orientações dos Parâmetros Curriculares Nacionais (1997) primam pela valorização do ensino de leitura como **via de acesso a mundos criados pela literatura e possibilidade de fruição estética**, para que os alunos sejam **capazes de recorrer aos materiais escritos em função de diferentes objetivos**.

Para constituir o *corpus* dessa análise, decidiu-se elencar edições da revista que compreendessem os anos 2010, 2011, 2012 e 2013 a fim de que uma análise de ordem qualitativa permitisse uma amostragem recente da abordagem das concepções de leitura presentes na revista Nova Escola.

2. Pressupostos Teórico-Methodológicos

Com base em Charaudeau (2005), pode-se afirmar que a situação de comunicação em que se encontram a revista Nova Escola e seus leitores é a de monolocalização. Isso quer dizer que, enquanto parceiros de troca linguageira, a revista e seus leitores estão ligados por um contrato de troca postergada, uma vez que não se fazem presentes no ato de comunicação. Segundo Charaudeau (2008), o ato de comunicação põe em relação duas instâncias: uma de produção e outra de recepção. Sendo assim, a instância de produção comportará dois sujeitos: o eu comunicante (EUc), organizador do conjunto de produção (num lugar externo); e o eu enunciativo (EUe), organizador da enunciação discursiva da informação (num plano interno). Por outro lado, na instância de recepção há um sujeito interpretante (TUi), (num ponto de vista externo); e um tu destinatário (TUD), (no nível interno).

Ainda segundo Charaudeau (2010), ao se tratar do contrato de comunicação midiático, não há desdobramento do polo de produção, uma vez que esse lugar é preenchido por uma entidade composta de muitos atores: diretores, editores, jornalistas etc. Por essa razão fala-se em instância midiática para se referir à instância global de produção. Ramos (2009) exemplifica esse fenômeno ao afirmar que mesmo quando um jornalista assina a matéria publicada na revista Nova Escola, ele não é reconhecido como o sujeito informador, mas sim a revista. O próprio leitor desinteressa-se pela autoria das reportagens, uma vez que ele as atribui à revista.

À semelhança do que ocorre no ato de comunicação, no contrato de comunicação midiático, a instância de recepção também se divide em sujeitos. No entanto, o TUD passa a ser chamado destinatário-alvo e o TUi, receptor-público.

Charaudeau (2005) afirma que as visadas de informação e incitação caracterizam o contrato de comunicação midiático, contudo a revista Nova Escola seleciona proeminentemente, quatro visadas combinadas em pares no contrato de comunicação que estabelece com o leitor-professor. Ora articula a visada de informação à de incitação, semelhante ao contrato midiático, para fazer o leitor crer na sua versão de fatos e que isso é importante para ele; ora a de prescrição e instrução, para ditar-lhe o que deverá fazer.

Quanto à identidade da instância de recepção, segundo Ramos (2009), a revista Nova Escola visa um público-receptor composto por professores do Ensino Fundamental, das redes públicas e particulares de ensino, além de diretores, orientadores educacionais e estudantes de pedagogia ou de cursos de licenciaturas. Contudo, o destinatário-alvo acaba sendo o leitor-médio, identificado como aquele professor que se considera atrasado, com *déficit* de conhecimento, formação e atualização, incapaz de compreender o currículo escolar e o que se espera dele enquanto

profissional, mas competente o suficiente para compreender o que está sendo veiculado através da revista.

3. Breve Análise do *Corpus*

A edição nº 234 da revista Nova Escola trouxe uma série de reportagens sobre leitura, que se intitulou **Literatura, muito prazer**. Uma característica notável nessa edição é a interpelação da revista ao professor. Considerando o público-receptor da revista – professores do Ensino Fundamental, diretores, orientadores educacionais e estudantes de pedagogia –, o enunciado escolhido para apresentação dessa reportagem sugere certa desqualificação em relação ao próprio saber desses profissionais. Essa sugestão torna-se explícita no texto que segue abaixo do título:

A escola é um ambiente privilegiado para garantir muito contato com os livros. Conheça, passo a passo, os caminhos para ir além dos resumos e questionários de leitura e incentivar na garotada o gosto pelas obras literárias - mesmo que você não tenha familiaridade com esse tipo de texto. (NOVA ESCOLA, 2010, n. 234).

A informalidade expressa pelo pronome **você** sugere proximidade e simetria entre a instância midiática e o TUD. O comportamento alocutivo expresso na forma verbal imperativa comprova a legitimidade da revista ao revelar-se detentora de um conhecimento que o seu destinatário não possui, portanto, de forma prescritiva, a revista transmitirá ao TUD, ou seja, ao professor, o conhecimento que ele deve ter.

No tocante ao trabalho com o ato de ler, nessa mesma edição, de acordo com a revista, para se aprender a gostar de ler é preciso intensificar a quantidade de leitura:

Para começar, é preciso compreender que, antes de analisar e refletir sobre os aspectos formais da literatura (história, linguagem etc.), os estudantes têm de gostar de ler. E isso só se faz de uma maneira: lendo, lendo, lendo. (NOVA ESCOLA, 2010, n. 234).

Essa asserção é conflitante com as concepções de leitura apresentadas neste trabalho, além disso, a revista não apresenta fundamentação teórica para afirmar que ler de maneira aleatória e forçosamente, como parece sugerir, desenvolva o gosto pela leitura. Considerar que o gosto pela leitura emerge da quantidade de livros lidos conduz à concepção de leitura como hábito, presente nessa mesma edição e em edições posteriores : “O que faz da poesia de cordel um instrumento capaz de estimular o hábito da leitura são características que costumam encantar as crianças...” (NOVA ESCOLA, 2011, nº 243); e “Transformar a leitura em um hábito regular requer bem mais do que infraestrutura.” (NOVA ESCOLA, 2012, nº 252).

Lajolo (1997, p. 107) considera um equívoco classificar a leitura como hábito: “espartilhada em hábito, a leitura torna-se passível de rotina, de mecanização e automação, semelhante a certos rituais de higiene e alimentação, só para citar áreas nas quais o termo hábito é pertinente.” Para Silva (1992, p.45): “Ler é em última instância, não só uma ponte para tomada de consciência, mas também um modo de existir no qual o indivíduo compreende e interpreta a expressão registrada pela escrita e passa a compreender-se no mundo.”

A edição nº 234 também aponta para a concepção de leitura como *hobby*: “O ideal é que a rotina diária inclua momentos de leitura em aula e que os alunos sejam incentivados a levar exemplares para ler em casa – por *hobby* mesmo, sem que isso vire

uma tarefa obrigatória.”(NOVA ESCOLA, 2010, n. 234). A palavra *hobby* possui origem inglesa, em português, segundo Ferreira (2010, p. 401), adquiriu o seguinte significado: “atividade de recreio ou de descanso, praticada, ger., em horas de lazer.”

Soares (1999, p.22) categoriza três tipos fundamentais de leitura, a saber: leitura funcional, leitura de entretenimento e leitura literária. Apesar de destinar à leitura de entretenimento a representação do lazer, “aquela que se faz em busca do prazer, que traz satisfação emocional e identificações, ampliação do horizonte pessoal para outros mundos e outros seres humanos”, a autora não exclui a possibilidade de que os outros modos de ler também causem o efeito de prazer. Contudo, considerar a leitura um *hobby* é reduzir o efeito de prazer causado pelo ato de ler à leitura que se realize em horas de lazer.

Apesar de a revista tratar do ensino de leitura por meio de concepções conflitantes com as dos PCNs e dos estudos mais recentes, pode-se observar que ao mesmo tempo comporta abordagens que se assemelham a esse perfil, como pode ser observado na edição nº 261:

Na hora da leitura, os alunos precisam ser capazes de tomar uma posição frente ao que leem, perceber não só o que está explícito, mas o que está subentendido, e compreender as intenções do autor e suas motivações para apresentar a informação de determinado modo. (NOVA ESCOLA, 2013, n. 261).

4. Conclusão

O contrato de comunicação que a revista Nova Escola instaura com o seu público-receptor (profissionais e estudantes de Educação) é caracterizado pela posição de superioridade em que a revista se coloca – aspecto próprio daquele que ocupa a posição de Euc. no contrato midiático –, sobrepondo-se à posição do professor.

Nova Escola se apresenta como um periódico educacional, entretanto, sua diagramação e linguagem, assim como a possibilidade de aquisição em bancas de jornal a assemelha mais aos produtos midiáticos, que também possuem essas características. Além disso, Nova Escola é redigida por jornalistas, enquanto outros periódicos educacionais são escritos por professores, por isso a revista tem de recorrer frequentemente a citações de autoridades da área, a fim de adquirir credibilidade diante do público-receptor.

As concepções de leitura elucidadas nas quatro edições da revista analisadas podem ser conceituadas como híbridas: ora a revista trata da leitura como hábito e *hobby*, ora assume uma postura mais próxima ao que os PCNs de Língua Portuguesa sugerem.

A indefinição da posição da revista quanto ao ensino de leitura causa confusão para os professores que compõem o seu público-alvo, uma vez que estão sujeitos a adquirir conceitos conflitantes de leitura. Segundo Frade (2011, p.119), “nas revistas de Educação, mesmo que pareça implícito o compromisso com a verdade, é esperada uma tomada de posição.”

A leitura concebida como hábito anula todas as possibilidades de reflexão e transformação que o ato de ler pode oferecer. O mesmo ocorre quando concebida como *hobby*, passando a ser categorizada como mais uma atividade de lazer, reduzindo a potencialidade de seus efeitos enquanto prática social, veículo de acesso e de construção de conhecimento.

Portanto, a abordagem de concepções divergentes de leitura que a revista Nova Escola propaga, a organização editorial de sua criação e circulação servem a fins

eminentemente mercadológicos, e não pedagógicos. Dessa forma, pode-se concluir que a revista Nova Escola não deve ser considerada uma fonte de pesquisa, atualização e aprimoramento do professor, uma vez que o periódico não reúne elementos que o permita cumprir a função para qual se destina.

Referências Bibliográficas:

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa**. Secretaria de Educação Fundamental: Brasília, 1997.

CHARAUDEAU, Patrick. Uma análise semiolinguística do texto e do discurso. In: PAULIUKONIS, Maria Aparecida L.; GAVASSI, Sigrid (orgs.). **Da Língua ao Discurso: reflexões para o ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

_____. **Linguagem e discurso: modos de organização**. Trad. Angela M. S. Corrêa e Ida Lúcia Machado. São Paulo: Contexto, 2008.

_____. **Discurso das Mídias**. Trad. Angela M. S. Corrêa. 2 ed. 1 reimpressão. São Paulo: Contexto, 2010.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Mini Aurélio: o dicionário da língua portuguesa**. 8 ed. Curitiba: Positivo, 2010.

FRADE, Isabel Cristina A. da S. Revistas pedagógicas: Qual é a identidade do impresso? In: BATISTA, Antônio Augusto G. & GALVÃO, Ana Maria de O. (Orgs.). **Leitura: práticas, impressos, letramentos**. 3 ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011. p. 105 -126

GERALDI, João Wanderley. **Portos de passagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

LAJOLO, Marisa. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo**. 3 ed. São Paulo, Ática, 1997.

NÓVOA, A. A Imprensa de Educação e Ensino: concepção e recepção do repertório português. In: CATANI, D. B.; BASTOS, M. H. C. (Orgs.) **Educação em Revista. A imprensa periódica e a história da educação**. São Paulo: Escrituras Editora, 2002. p. 11-31.

RAMOS, M. E. T. **O ensino de história na revista Nova Escola (1986 – 2002): cultura midiática, currículo e ação docente**. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2009. Disponível em: <http://www.ppge.ufpr.br/teses/D09_ramos.pdf> Acesso em: 03/01/2014.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. **O ato de ler: fundamentos psicológicos para uma nova pedagogia da leitura**. 6ª ed. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1992.

SILVEIRA, F. R. **Um estudo das capas da revista Nova Escola: 1986-2004**. Campinas, 2006. 149 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação. Universidade Estadual de Campinas. Disponível em:

<<http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=vtls000380842>> Acesso em: 03/01/2014.

SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros**. 2.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

Referências Bibliográficas do *corpus*:

CALHADO, Cyntia. Ler por prazer no ritmo do cordel. **Nova Escola**, São Paulo, n. 243, jun./jul., 2011. Disponível em: <<http://revistaescola.abril.com.br/fundamental-1/ler-prazer-ritmo-cordel-636143.shtml>>. Acesso em: 03/01/2014.

FERNANDES, Elisângela. Bibliotecas escolares: livros tão, tão distantes das mãos dos alunos. **Nova Escola**, São Paulo, n. 252, maio, 2012. Disponível em: F<<http://revistaescola.abril.com.br/politicas-publicas/bibliotecas-escolares-livros-tao-tao-distantes-maos-alunos-687661.shtml>>. Acesso em: 03/01/2014.

FERNANDES, Elisângela. Bons leitores, bons escritores. **Nova Escola**, São Paulo, n. 261, abr., 2013. Disponível em: <<http://revistaescola.abril.com.br/fundamental-2/bons-leitores-bons-escritores-744303.shtml>>. Acesso em: 02/01/2014.

MEIRELLES, Elisa. Literatura, muito prazer! **Nova Escola**, São Paulo, n. 234, ago., 2010. Disponível em: <<http://revistaescola.abril.com.br/lingua-portuguesa/pratica-pedagogica/literatura-muito-prazer-584195.shtml>>. Acesso em 03/01/2014.

ⁱ Autora:

Anabel AZERÊDO, Mestranda

Universidade Federal Fluminense (UFF)

Instituto de Letras – Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem

E-mail: anabel.azeredo@gmail.com